Globethics Repository



O falar de Deus [Speech of God]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	da Silva, Anaxsuell Fernando
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-14 06:35:05
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234898

CC BY NC ND

O falar de Deus: um olhar antropológico ao público evangélico

Speech of God: an anthropological glance to the evangelical pulpit

Por Anaxsuell Fernando da Silva
Doutorando em Ciências Sociais (Unicamp)
Bolsista CAPES
anaxsfernando@yahoo.com.br

Resumo:
Este trabalho tem como ponto de partida o desejo de compreender a importância do púlpito na sociedade contemporânea. Para tanto, ao longo do percurso, discute sob a mediação de instrumentos teóricos e analíticos a influência dos discursos proferidos nas igrejas evangélicas de um bairro periférico em Natal, capital do Rio Grande do Norte. A ênfase é discutir – ao longo do caminho – o processo de construção da vida social, da cosmovisão e da prática da espiritualidade nos fiéis-ouvintes. E ainda, a especificidade das prédicas às questões locais ou levantar a possibilidade de que tais preleções seriam reverberações, em pequenas comunidades, de discursos oriundos em círculos eclesiais em regiões centrais. O processo de construção da pesquisa se deu através de observações diretas em vários templos evangélicos do referido bairro, sendo gravados alguns dos sermões proferidos nos púlpitos, transcrevendo-os e analisando-os. Buscou-se também entrevistas com os pregadores e ouvintes. Tendo por perspectiva teórica que a linguagem não é um meio neutro de reflexão ou descrição do mundo, a retórica dos sermões nos púlpitos eclesiásticos é dirigida a um público específico, que é (ou não) persuadido, pelos argumentos apresentados e oferece algum sinal em reação ao que fora comunicado. O ponto de chegada do trabalho é, pois, a problematização da atuação da igreja na esfera pública, já que esta opera como mediadora cultural e política para sua comunidade de fiéis. Este trabalho assente com a proposição epistemológica de que diálogo entre áreas do conhecimento pode favorecer a compreensão do fenômeno. Por isto, traz consigo o desejo de articular saberes e práticas da teologia, sociologia, história e política pelo viés antropológico.

Palavras-chave:
Púlpito evangélico. Sermão. Antropologia da religião. Religião e esfera pública.

Abstract:
This paper tries to understand the importance of the pulpit in contemporary society, it discusses the influence of speeches in evangelical churches in an outlying neighborhood in Natal, capital of Rio Grande do Norte. The emphasis is to discuss the process of building a social life, the worldview and practice of spirituality among the faithful listeners. The construction process of the research was through direct observation in several evangelical churches of that district, being written some of the sermons delivered from the pulpits of them, transcribing them and analyzing them. It also sought interviews with preachers and listeners. Having a theoretical perspective that language is not a neutral medium of reflection or description of the world, the rhetoric of the sermons in church pulpits are directed to a specific audience, which is (or not) persuaded by the arguments presented and provides a signal in response to what had been reported. The culmination of work is thus the problematic role of the church in the public sphere, since it operates as a mediator for its cultural and political community of believers. This work lies with the proposition that epistemological dialogue between areas of knowledge can promote understanding of the phenomenon, for it brings with it the desire to articulate knowledge and practice of theology, sociology, history, politics by anthropological bias.

Keywords:
Evangelical Pulpit. Anthropology of Religion. Religion.

As igrejas ou templos têm sido, ao logo da história, um canal tradicional, regular e natural de comunicação. E, em alguns lugares onde as reuniões públicas são inibidas, o único. Basta adentrar a uma igreja evangélica para que, pela organização espacial desse grupo religioso, se evidencie a importância dedicada ao púlpito. Não há quadros, não há representações do divino. Os

templos assemelham-se mais com salas de aula do modelo pedagógico tradicional. O seu centro é o púlpito: o lugar onde se fala de Deus.

O protestantismo[1] privilegia a fala em oposição à contemplação. Isso não é acidental, tem raízes teológicas. Em contraposição aos católicos, que ressaltam a dimensão contemplativa e visual da experiência religiosa, Rubem Alves[2] sugere que os protestantes viram no segundo mandamento um interdito que lhes impôs um rigoroso ascetismo artístico, isto é, o divino não pode ser expresso pela forma, pela cor ou pelo movimento. Restou ao protestantismo indicá-lo por meio da linguagem.[3] O *logos* é a encarnação do divino.

Indubitavelmente, a linguagem não é um meio neutro de reflexão ou descrição do mundo. Assim sendo, esta retórica dos sermões nos púlpitos eclesiásticos é dirigida a um público específico, que é (ou não) persuadido pelos argumentos apresentados e oferece algum sinal em reação ao que fora comunicado (classicamente, uma mudança de comportamento ou opinião).

E. C. Dargan afirma que "a pregação é a parte essencial e a característica distintiva do cristianismo", e ainda acrescenta, "a pregação é distintivamente uma instituição cristã".[4] A pregação é indispensável ao cristianismo. Sem os sermões, ele perde algo necessário que lhe confere autoridade. Isso porque o cristianismo foi e ainda é essencialmente uma religião de palavra.

Adicione-se a estes elementos a comunicação resultante do sermão, uma repercussão em microgrupos, através de aconselhamento e direção espiritual, ou ainda, em alguns casos, a publicação do sermão em boletins, jornais da instituição eclesiástica e/ou sítios virtuais. Entretanto. este fato específico não se constitui nosso campo de análise.

O sermão e o contexto

Para a compreensão de um discurso, em nosso caso dos sermões evangélicos, é necessário estar atento às condições em que este foi produzido e considerar a linguagem como "interação, vista esta na perspectiva em que se define a relação necessária entre o homem e a realidade natural e social".[5] O dizer de um texto ou discurso não se origina somente no desejo do autor em cena, mas nasce de outros discursos:

> Do ponto de vista discursivo, as palavras, os textos, são partes de formações discursivas [...] como as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em conjuntura dada, assim é que se considera o discurso como fenômeno social.[6]

O contexto é um elemento importante na compreensão do discurso. Segundo Michel Pêcheux, o sentido das palavras não pode ser buscado unicamente na sua literalidade "mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo no qual as palavras, expressões e preposições são produzidas (isto é, reproduzidas)".[7]

É nesse sentido que consideramos, aqui, o discurso não como transmissão de informação, mas como efeito de sentido entre interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral. Então, os interlocutores, a situação e o contexto histórico social, isto é, as condições de produção, constituem o sentido da sequência verbal produzida. Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro que, por sua vez, também ocupa determinado lugar na mesma sociedade e isso faz parte da significação. Como é exposto por Pêcheux, há nos mecanismos de toda formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as

1 Sem o intento de ignorar as especificidades histórico-teológicas dos termos, ao longo deste trabalho, as designações *Protestantes*, *evangélicos* e *igrejas evangélicas* serão referidas como sinônimos.

2 ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.

3 É bem verdade, como veremos adiante, que o pentecostalismo muda – não completamente – esta assertiva, com a introdução de elementos artísticos (música gospel, dança e movimento) no culto.

4 DARGAN, Edwin Charles. *A history of preaching*. Hodder & Stoughton, 1905. v. 1.

5 ORLANDI, E. *A linguagem e o seu funcionamento*. Campinas, Pontes Editores, 1995. P. 17

6 ORLANDI, 1995, p. 158.

7 PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 160.

representações dessas situações no interior do discurso.

Além do contexto histórico que mencionamos, merece igual destaque o contexto sociocultural. Weber estuda a noção de estratificação social como um fator determinante das mensagens religiosas, relacionando as afinidades eletivas entre diversas posições sociais dos indivíduos com tipos determinados de religiosidade. Por exemplo, ele observa que "conceitos como 'culpa', 'redenção', 'humildade', são não só estranhos, mas também antinômicos aos sentimentos de dignidade das classes dominante e em particular da nobreza guerreira".[8] Falando sobre a maneira pela qual a situação de uma classe na sociedade determina os seus interesses religiosos, afirma que as classes desfavorecidas no mercado tendem a aceitar, pela necessidade de compensação, as crenças de que uma "missão" especial lhes foi confiada, demandando "religiões de salvação".[9]

Desta forma, faz-se necessário esclarecer o entorno social – ter uma visão socioantropológica da comunidade na qual o discurso acontece. A opção metodológica deste trabalho restringe sua observação empírica à cidade do Natal, e de forma mais específica ao bairro de Felipe Camarão, zona oeste da cidade.

No bairro, existem diferentes espaços que se criam e se recriam constantemente no mesmo território. Mas, se esse processo aponta para a fragmentação, essa fragmentação também retrata o mosaico de criação de significados que caracterizam grupos, linguagens e estilos de vida que se completam, excluem-se e dialogam entre si. Essa cidade polifônica teima em existir dentro da cidade.[10] Com seus códigos, leis e signos próprios, estabelece formas de ver e de relacionar-se com o mundo.

Trata-se de um bairro com graves problemas sociais, denso populacionalmente, em área pouco atendida pelo governo.[11] Entretanto, há um número significativo de ONGs e de igrejas evangélicas. Essa imensa capilaridade das igrejas traduz-se – como discutiremos adiante – numa crônica inabilidade de relacionamento entre tais instituições.

Esses problemas sociais estão presentes nos diálogos entre os fiéis das igrejas. Lá eles partilham suas dores, seus sofrimentos e angústias. Como constatou-se durante as observações, por várias vezes os fiéis emitiram publicamente seus "pedidos de oração" por determinados parentes que estavam envolvidos com drogas ou sofriam vitimados da violência constante no bairro. Certamente estes fatos constituem um cenário que deve ser levado em consideração nas análises empreendidas no discurso proferido dos púlpitos das igrejas evangélicas deste bairro.

Nossa pesquisa buscou uma representatividade na gravação dos cultos observados diretamente nas igrejas evangélicas do bairro de Felipe Camarão. Dentre as 58 igrejas existentes,[12] foram gravados 12 sermões, em abarcando diferentes grupos denominacionais.

O sermão e o texto

Todo discurso possui um conteúdo, uma mensagem a ser transmitida. Com o sermão, isso não é diferente, ele possui um *texto*, isto é, uma mensagem que precisa ser comunicada.

A caracterização da pregação, como alguém que transmite a voz de Deus, desvela a assimetria fundamental da prédica cristã, entre emissor e receptor. O primeiro – como já foi dito anteriormente – encontra-se em um plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o receptor é do plano terreno (os sujeitos, os homens). Isto é, o pertencimento a estas ordens de mundo tão díspares, afetadas por

8 WEBER, M. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 318.

9 WEBER, 1963, p. 319-320.

10 A ideia da metáfora de uma cidade dentro de outra cidade está presente em: CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Companhia das Letras, 1999.

11 O último senso do IBGE, em 2000, menciona para Felipe Camarão uma população de 45.907 habitantes que vivem numa área de 663,4 ha.

12 Em trabalho anterior, discuto com maior vagar a situação das igrejas evangélicas neste bairro. SILVA, Anaxsuell F. *O falar de Deus*: introdução aos estudos sócio-científicos do púlpito cristão. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universalidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. 108f..

um valor hierárquico, existe uma submissão dos homens a Deus.

A assimetria, que assim se constitui, caracteriza a tendência para a não reversibilidade: os homens comuns não podem ocupar o lugar do emissor, porque este é o lugar de Deus – que manifesta-se pelo seu porta-voz, seu emissário, o pregador. Portanto, essa relação de interlocução, que constitui a pregação cristã, é dada e fixada, segundo a assimetria. Uma voz se fala através da outra que é seu representante, mediador. No sermão abaixo, podemos perceber tal ideia:

> Qual é a comida que o pastor dá pro rebanho? Quem sabe? É oração, jejum, pela graça de Deus. Muitos líderes fracassam por negligência e aprendizagem de algumas lições importantes sobre liderança. Muitas vezes nem foram submetidos ao discipulado, e acaba decepcionado após a experiência como líder. Por isso é melhor prevenir do que liderar. A igreja do Senhor ela é composta de jejum, de oração, de palavra e também de ensinamento, né irmão? E os homens escolhidos para essa tarefa têm que ser cheio da graça, cheio do poder de Deus. Num é qualquer um não irmão![13]

Comentando acerca da mediação, o antropólogo Aldo Natale Terrin[14] mostra a trivialidade do profano, que ele rotula como "normal", "cotidiano", que não provoca situações inexplicáveis, que não causa sobressaltos; o sagrado ao contrário, reveste-se de "potência", "força", "mana", um poder que quebra os esquemas habituais e deixa entrever o religioso; um poder que, quanto mais inexplicável é, se identifica com as "pegadas do sagrado". Esse poder será essencial para o próprio ritual de prédica e para o sentido profundo da mediação sacerdotal, isto é pastoral.

O conhecimento, para o protestante, começa como ato de submissão a um texto de proposições verdadeiras, absoluto, que contém a verdade do tempo e a verdade da eternidade. Objetivando preservar o caráter absoluto do conhecimento, acima de toda dúvida, obstacula-se o exercício da consciência interpretativa e da razão crítica por meio de uma confissão que se torna o critério final para a leitura do texto sagrado.

A voz de Deus é audível, para ouvi-la é necessário apenas dedicar atenção ao pregador (porta-voz de Deus), isso é manifesto nas palavras do pregador da Igreja Metodista Wesleyana, durante culto: "as pessoas ficam em casa querendo ouvir a voz do senhor, mas eles têm que ouvir na congregação, é aqui que Deus fala!".[15]

Instaura-se uma possibilidade de contato com o transcendente, e este contato com o sobrenatural fortalece o indivíduo nas lutas cotidianas, infligidas pela vida social. Émile Durkheim já apontava para este fato: "o crente que se comunicou com o seu Deus, não é meramente um homem que viu novas verdades que o descrente ignora. Ele é um homem que é mais forte. Ele sente dentro de si mais forças seja para suportar as provações da existência, seja para vencê-las".[16]

O que fazer então para que os fiéis estejam em constante "comunicação com os céus"? Como falar do presente e futuro diante de uma revelação pré-estabelecida? Alves nos aponta o caminho: repetir e deduzir. Saber a verdade é repetir a verdade. É verdade que a repetição tende a criar um estado emocional de enfado, por eliminar das expectativas toda a possibilidade de surpresa. Se o passado é a norma absoluta, podemos estar certos de que o amanhã será igual ao hoje, e qualquer tempo no futuro será igual ao amanhã. Entretanto, a função tranquilizante da repetição tem seu ônus no enfado que ela produz.

A pregação, enquanto discurso último de manutenção da ordem, discurso sobre o absoluto, teria algumas características bem peculiares. Antes de tudo, seria o discurso da autoridade, legitimado por si mesmo, apresentando-se sempre como última palavra e única interpretação possível, desdobramento e legitimação que Chauí[17] irá chamar de discurso *competente*. Este seria também o

[13] Sermão pregado na Igreja Pentecostal Deus é Amor, no dia 20 out. 2005.

[14] TERRIN, Aldo Natale. *Antropologia e horizontes do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2004.

[15] Sermão proferido no púlpito da Igreja Metodista Wesleyana, dia 13 out. 2005.

[16] DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 30s.

[17] CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

discurso das ausências e dos silêncios. O implícito seria mais recheado de sentido do que o explícito. O discurso do não-dito, não pela insuficiência lógica da linguagem, mas pela impossibilidade de tal forma de discurso dizer tudo. Por último, teria de ser discurso da conformação e da confirmação. Universalizar, harmonizar e conciliar seriam suas funções mais visíveis.

Esse discurso substitui o humano pelo divino e a vida pela eternidade, ignorando o corpo, o tempo, espaço, sociedade e linguagem. O púlpito é o que valida o discurso competente. "O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado (esses termos agora se equivalem) porque perdem laços com o lugar e o tempo de sua origem".[18]

Em algumas igrejas, há deslocamento de pessoas, movimentos corporais, formação de filas e realização de "peregrinações" dentro do templo. Essas e outras formas de participação dos fiéis exemplificam a alta mobilidade corporal que o culto nas igrejas contemporâneas – especialmente as de corte pentecostais – exige dos participantes. E, portanto, parte do texto sermonístico. Tais ações simbólicas são vividas com muita intensidade, proporcionando a cada fiel a oportunidade de reviver eventos do passado, tidos como essenciais para a fé, de uma maneira existencial. Assim, através dessa interação,[19] que ocorre algumas vezes durante a prédica e noutras ocasiões como resultadas da pregação, as igrejas trazem para dentro do templo o espírito das festas populares e das procissões católicas.

O sermão e o pretexto

Como já mencionamos, toda prédica traz consigo uma intenção comunicativa. Existem desígnios definidos para cada sermão enunciado. Como o objetivo da mensagem precede-a, assim, talvez não seja tão inconcebível a ideia de sermão como pretexto.

Neste sentido, as intenções são as mais variadas possíveis. Mencionaremos, aqui, pelo menos quatro desses objetivos, os três primeiros estão explicitamente presentes da atividade cristã desde a fundação da igreja, visto tratar-se de uma recomendação bíblica e constituir a práxis teologal. O intento de apresentar separadamente os objetivos do conteúdo sermonístico apenas é didática. Tais finalidades estabelecem entre relação de interdependência e coexistem numa mesma prédica.

Subjaz à pregação protestante uma crescente preocupação das organizações religiosas com a satisfação da demanda de consumidores, que determina tanto formas de elaboração e distribuição dos bens religiosos, quanto as características estruturais, institucionais das instâncias produtoras. Tais tendências apontam na direção do aumento da centralidade das necessidades do "consumidor". Embora a temática do "mercado de bens simbólicos" não seja preocupação neste texto, cabe mencionar a influência deste nas prédicas evangélicas e nos objetivos destas que comentamos a seguir.

Púlpito, lugar de Kerygma

O pregador é o arauto, o anunciador das boas notícias, que no ideário cristão corresponde ao evangelho. E, objetiva arregimentar "novos fiéis", isto é, promover um ambiente favorável à conversão. E como gestor de bens simbólicos, novos adeptos àquela denominação.

Como já foi mencionado, não há uma separação rígida nos objetivos da pregação. Existem vários objetivos que se sobrepõem e que se manifestam ao longo da prédica de várias maneiras. Assim sendo, a proclamação, enquanto momento em que se enseja a conversão do receptor, está presente em todos os sermões, visto que a prática proselitista é uma das premissas do cristianismo. Tal qual podemos perceber no sermão transcrito abaixo:

> Tem que aceitar o nome do Senhor precisamos fazer uma aceitação para Jesus. Ele diz: Eu sou o caminho, eu sou a verdade, eu sou a vida e ninguém vai ao pai a não ser por mim. Ninguém pode ir a Deus se não for

[18] CHAUÍ, 1989, p. 7.

[19] Para um ulterior aprofundamento na ideia de teatralização no culto pentecostal consultar CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: UMESP, 1997.

> pela pessoa de Jesus Cristo, glória a Jesus! Por isso meu amigo é que nós pregamos essa palavra, para o homem crer, para ele obedecer a palavra do senhor. Porque a crença é crer e obedecer a palavra. Glória a Jesus![20]

Ao colocar-se no púlpito, o pregador espera resultados e, em geral, esse resultado é quantitativo e refere-se ao número de conversões que tal prática pôde gerar. Um eminente pregador do meio protestante, Charles Spurgeon, em uma das suas preleções dirigidas especificamente a pastores, sentencia:

> Orem e preguem de tal maneira que, se não houver conversões, vocês ficarão atônitos, estupefados e de coração quebrantado. Acreditem na salvação dos seus ouvintes tanto quanto o anjo que soará a última trombeta terá certeza da ressurreição dos mortos! Creiam na sua doutrina! Creiam no seu salvador! Creiam no Espírito Santo que habita em você! Pois assim será realizado o que deseja o seu coração e Deus será glorificado.[21]

A ideia de crescimento do número de adeptos da religião protestante está intimamente imbricada à pregação da mensagem cristã, à proclamação do evangelho, que tem tanto a função de converter àqueles que ouvem tal prédica, quanto de convencer os ouvintes que já professam tal fé a engajar-se no propósito de arregimentar novos adeptos. Isso é verificável no sermão transcrito: "[...] quando você aceita Jesus, Deus tá colocando em suas mãos missão. A missão é pra cada pessoa, pra cada crente dentro da igreja. Cada um de nós tem uma missão de Deus e ele tem um propósito para cada um de nós. Amém?".[22]

Nesta dimensão, o sermão, enquanto comunicação de uma verdade que se pretende universalizar – mediante a conversão – levanta a pretensão de dar vigência universal a uma visão religiosa em particular, submetendo a esta o poder de imputar sentido à vida total. Vejamos o que disse o pastor da Igreja universal durante seu sermão:

> Veja bem pessoal, todo mundo um dia vai partir desse mundo. Entendeu? Quem tá entendendo levante a mão. Ninguém vai ficar aqui para sempre. Vai chegar um dia que todos nós vamos... O que vamos acertar as contas com Deus. Entenderam? Humm? Aqui na terra alguém pode escapar mentindo uma mentirinha aqui, uma mentirinha acolá é ou não é? Tá escrito, cada um de nós vamos prestar conta de tudo que nós fizemos aqui. Amém pessoal? Amém gente? Por isso você tem que tomar a decisão que um dia eu tomei, aceitar Jesus. Entendeu, pessoal?[23]

Deus deixa de ser uma experiência exclusivamente pessoal e adquire uma forma sistemática de ideias e de uma cultura coletiva que deverá ser arbitrariamente imposta aos outros. Deve-se notar a íntima associação que existe entre converter-se e tornar-se frequentador daquela instituição religiosa, em que tal decisão foi tomada. E a aceitação religiosa por parte do ouvinte terá implicações, não só de natureza espiritual, mas segundo o discurso religioso, resultados na vida material de tais receptores, conforme verificamos no mesmo sermão citado anteriormente, proferido em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus:

> Aquele que busca a Deus, aquele que ora, que vem à igreja. Deus vai dá o quê? Condições para vencer, amém pessoal? E aí quem não quer nada com Deus, como é que Deus vai ajudar? Né verdade!? Se você quiser ser bem sucedido na sua vida é só agradar a Deus, amém pessoal?

Púlpito, lugar de didachê

O pregar (*kêrusso*, isto é, anunciar) não se limita exclusivamente ao evangelismo. Durante muitos séculos, o púlpito tem sido lugar de *didachê*, isto é, ensino. Por conseguinte, a pregação tem sido reconhecida como elemento substancial na formação das pessoas. A expressão grega *didachê* se traduz por arte ou técnica de ensinar. Enquanto adjetivo, deriva do verbo *didasko*, cujo prefixo (sko)

[20] Sermão proferido no púlpito da Igreja Pentecostal de Jesus.

[21] SPURGEON *apud* STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003.

[22] Sermão gravado na igreja Deus é Amor, no dia 20 out. 2005, proferido pelo pastor pregador da noite nessa igreja.

[23] Sermão proferido na Igreja Universal do Reino de Deus, no domingo dia 16 nov. 2005.

indica característica de uma realização lenta e através do tempo, própria do processo de instruir.

O ensino baseado na exposição cuidadosa de textos sagrados, além de cooperar para a conversão daqueles que não abraçaram a fé protestante, elucida "pontos" controvertidos da Bíblia. Muitas vezes, esses "pontos" tornam-se elementos distintivos entre as denominações que, sob efeito da lógica de mercado, tenta incutir nos seus receptores uma "identidade denominacional", ou seja, uma concepção da Bíblia que sustenta suas doutrinas e axiomas.

Nesse processo, o indivíduo não será modelado como uma coisa passiva, inerte. Ao contrário, ele será formado no curso de uma prolongada receptividade ao discurso que lhe está sendo transmitido, em que ele é participante. Desse modo, o mundo sociorreligioso (com suas instituições, concepções teológicas e eclesiásticas e papéis) não é passivamente absorvido pelo indivíduo, e sim – utilizando a terminologia de Berger – apropriado ativamente por ele. Além disso, o indivíduo continua a participar desse processo, e é isto que o "sustenta como pessoa no uso da biografia em marcha". Tornando-se coprodutor deste universo sociorreligioso e de si mesmo. Neste percurso, ocorrem constantes interpretações e ressignificações, trazendo o sentido original enunciado para aquém ou para além do proposto.

Esse conjunto de informações bíblico-doutrinais e teológicas proferidas no discurso do púlpito pelo representante da congregação constituirá um edifício cognitivo e normativo da espiritualidade dos fiéis. A discordância em determinadas questões, ainda que poucas, pode gerar cisão(ões) naquela comunidade religiosa, seja uma divisão interna (a comunidade divide-se em duas ou mais, conservando ainda o vínculo denominacional) ou uma divisão externa (em que podem surgir outras denominações). Em Felipe Camarão, isso não é diferente, uma vez que a maioria absoluta das igrejas encontradas na pesquisa de campo só existe naquele bairro e não tem vínculos com outros grupos denominacionais.[24]

Púlpito, lugar de paraklêsis

A pregação não se exaure na evangelização e no ensino. Um objetivo que precisa ser perseguido é a "maturidade espiritual dos ouvintes". Deste modo, grande parte dos sermões – para não dizer todos – traz conteúdos que exigem do receptor uma mudança de comportamento.

Paraklêsis está relacionado a apoio, auxílio, conforto. O púlpito, como lugar de exortação, manifesta-se como uma ideia ordenadora ou nomeante, por intermédio da qual se buscou intuir um mundo baseado numa lógica sagrada. Desde os tempos mais remotos, aqueles que articulam tais sermões o fizeram destituindo os sentidos vigentes das coisas, criando novas coisas ou ressignificando as já existentes sob a égide de um saber de natureza teológica. O trecho de um sermão transcrito abaixo pode nos ajudar na verificação de tal fato:

> Sabe aquele momento que você e eu, nós estamos tão angustiados e as palavras não saem. Nós muitas vezes não acertamos nem coordenar palavras trocadas porque a luta é muito grande, porque a dificuldade é muito grande aí o Espírito Santo ele vem conhecer a intenção do coração, o propósito do pensamento. Transformar isso em oração e apresenta a Deus. Ele capacita o crente para falar nos momentos mais difíceis, e aqui você se encontra numa situação meia embaraçosa, mas se você tiver o espírito habitando dentro de você ele vai capacitar você para falar nos momentos difíceis, até mesmo porque a palavra diz que determinados momentos não somos nós que falamos, mas é o espírito de Deus que fala por nós, usando os irmãos, usando a igreja para tratar daquele assunto, daquele fato, daquele momento. Muito bem![25]

[24] Dado os limites desse texto, não é possível mensurar o motivo pelo qual tais igrejas não se vinculam a denominações de grande porte (em tese, com maior capacidade de investir na igreja local), por uma opção de vida religiosa sectária ou por sentirem-se excluídos, marginalizados.

[25] Sermão pregado durante o culto sacramental de ceia (uma das reuniões mais importantes para este grupo, que nesta igreja realiza-se uma vez por mês) na Igreja Evangélica Assembléia de Deus

O protestantismo tem um forte elemento moralista. Portanto, para uma vida cristã piedosa, é necessária uma ruptura com o mundo. O nome para a ruptura da relação é "arrependimento" (*metanóia*). Todo converso precisa abandonar os atos morais equivocados e deve mudar sua orientação. O político não se restringe à relação com o Estado. A vida social é atravessada por um sentido político. A política está presente nas microrrelações sociais; não é sequer possível dividir um espaço comum com outras pessoas sem uma política de relacionamento que oriente e sustente a ordem social.

Púlpito, lugar de politika

Da Constituinte para até os dias atuais, a "bancada evangélica", sempre marcada pelo acentuado conservadorismo moral e pelo fisiologismo descarado de certos parlamentares,[26] aumentou significativamente de tamanho. Este crescimento pode ser também atribuído ao fato de muitos pastores utilizarem o púlpito de suas igrejas para convencerem os receptores-fiéis a votar nos candidatos propostos pela instituição eclesiástica. Associe-se a este fato a ocorrência de verdadeiras odisseias de candidatos nos púlpitos das igrejas "pregando o evangelho".

Assim sendo, muitas vezes "pactos" são feitos para que determinado grupo religioso apóie determinada candidatura. Já que, segundo observou Prandi, "a filiação religiosa tem peso nada desprezível na direção e no *timing* de uma escolha eleitoral".[27] E o púlpito, que foi lugar de *Kerygma*, de *didachê*, de *paraklesis,* passa a ser também um lugar de *politika*.

À guisa de uma conclusão

Embora tentando abarcar todas as esferas da vida, o pregador não fala acerca de alguns temas. O silêncio sobre estes, ou o não esclarecimento de detalhes perturbadores, não são meros acidentes, fazem parte da estrutura básica do discurso religioso. Um exemplo dessa característica seria a tendência a um extremado literalismo na hermenêutica bíblica. O texto deve ser visto em sua formulação literal, sem nenhuma possibilidade de ousar interpretações poéticas e simbólicas, muito menos de se elaborar uma interpretação bíblica que traga novas visões teológicas dos textos sagrados, pela possibilidade de abrir espaço para as vítimas da estrutura hierárquica de poder.

Dada a impossibilidade de muitos sermões comunicarem acerca dos dilemas cotidianos do sujeito-receptor, que são vividos pela comunidade, muitas vezes devido ao fato de que tais sermões são reproduções de discursos dos círculos centrais, iniciou-se então uma tentativa de que a música possa fazê-lo. Daí a crescente utilização da música no culto cristão, por vezes até substituindo o próprio sermão, ou tornando o púlpito mais *pop*.

Mesmo assim, muitos moldam sua vida e a sua existência pelo que é *pregado* e ensinado pelo pastor no púlpito. Lembremo-nos que no bairro estudado existe (como em todo o Brasil) um grande número de analfabetos (inclua-se neste grupo também os analfabetos funcionais). Assim sendo, o dito pelo pastor (conselheiro, sacerdote-mediador), e não a leitura do livro sagrado, torna-se regra de vida e de padrão de comportamento, e qualquer desvio deste, o púlpito estará presente para redarguir e exortá-lo.

[Recebido em: dezembro 2010 e
aceito em: agosto 2011]

[26] Para uma ampliação deste assunto ver: FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira*: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontrão, 1994.

[27] PRANDI, Reginaldo; PIERUCCI, A. F. Religião interfere em voto do eleitor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. E-4, 28 out. 1992.